

O ESCULTOR MAURINO DE ARAÚJO: Entre o profano e o sagrado

Fábio Zarattini

Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Mestrando em Patrimônio Cultural
Escola de Belas Artes, UFMG
fzarattinirestauro@gmail.com

RESUMO

Ao analisar as obras, temática, técnica e os materiais utilizados pelo artista plástico Maurino de Araújo, observam-se trabalhos contemporâneos com explícita devoção, temáticas de caráter popular e folclóricas. Focados em seu trabalho de escultura policromada em madeira foi possível debater a respeito da diferenciação dos conceitos de arte sacra religiosa, arte e artesanato, além da constatação do sincretismo com a cultura negra africana e a estilização da iconografia cristã tradicional presentes em sua temática. A metodologia partiu de uma pesquisa bibliográfica, sua produção e depoimentos. Como resultado criou-se um banco de dados relativos a análises, documentações diversas, identificação de suas características técnicas, materiais e principalmente estilemas. Foi detectada a importância da pesquisa voltada a representação de caráter religioso, onde a trajetória desse talentoso artesão contemporâneo inspirado pelo barroco mineiro precisa ser documentada em prol do resgate da memória coletiva.

Palavras-chave: Escultura. Imaginaria religiosa. Artesanato. Arte contemporânea. Maurino Araújo.

INTRODUÇÃO

O Barroco mineiro desenvolvido no Brasil, no início do século XVIII ao final do século XIX, uma versão peculiar que derivou do estilo artístico europeu, marcou história e influencia artistas até a época presente. A tendência inevitável para a arte fez com que ainda jovem, Maurino de Araújo, escultor autodidata, buscasse em Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, expoente dessa manifestação artística na talha barroca, uma inspiração e alternativa para a expressão de seus sentimentos. Durante toda sua vida tem buscado se apropriar destes ícones religiosos, populares e folclóricos em seu processo criativo de esculturas. Inicialmente se aventurou no desenho, argila, desenho e pintura, mas foi no percurso da escultura que definitivamente se encontrou e despontou ¹. O intuito do trabalho foi analisar a temática, a técnica e os materiais utilizados por Maurino, um escultor brasileiro que apesar de sua origem popular, teve reconhecimento internacional. Os estudos de algumas de suas obras retratam contemporaneidade com explícita alusão religiosa, temáticas populares e folclóricas, de estilo e técnicas de entalhe recorrentes. Como efeito de suas intrigantes esculturas em madeira policromada, torna-se possível debater a respeito da diferenciação dos conceitos de arte sacra ou religiosa, arte ou artesanato, o sincretismo com a cultura negra africana e a estilização da iconografia cristã tradicional. A discussão torna-se relevante para situá-lo como um personagem enigmático na arte brasileira.²

131

A metodologia do estudo partiu de uma pesquisa bibliográfica referente a contextualização do artista e sua produção. Foram consideradas as inspirações e temáticas apropriadas além de retrospecto de sua produção e reflexos. O documentário biográfico intitulado “Nas minhas mãos eu não quero pregos”, produzido pela cineasta mineira Cris Ventura, do vídeo produzido pelo fotógrafo Rodrigo Mattos, entrevista de Maurino concedida ao autor, além de depoimentos publicados na internet, contribuíram significativamente na compreensão de seu envolvimento artístico. Após análises formais, estilísticas, iconográficas, características materiais, técnicas, bem como documentação fotográfica, foram identificados alguns estilemas presentes em obras de sua autoria no acervo de museus e de colecionadores particulares². A diferenciação entre os conceitos e valores contidos na arte sacra/religiosa, arte/artesanato, além do sincretismo da cultura negra, africana e a cristã, agrega compreensão e definição do artista e sua obra.

A ARTE E O ARTESANATO

A palavra “Arte” termo que vem do latim, *ars*, significa técnica/habilidade na criação de obras humanas. Define a atividade ou o produto da atividade artística, um produto da criação humana com valores estéticos, como beleza, equilíbrio, harmonia, caracteriza um conjunto de procedimentos utilizados na realização de obras e é fruto da cultura de cada povo, testemunho fiel dos condicionamentos sociais, políticos, religiosos, econômicos e filosóficos de cada época. Utiliza-se de uma grande variedade de linguagens e teorias, transformando em reflexo e conjunto das atividades que trazem uma dimensão estética para o cotidiano na criação de objetos ou de organização específicas destinadas a produzir no homem um estado particular de sensibilidade e prazer estético onde pode muitas vezes retratar a condição social e essência de racionalidade. (DISSANAYAKE, 1990)

¹ <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search/label/Maurino%20Ara%C3%BAjo>

² https://www.youtube.com/watch?time_continue=80&v=RhEKPFfmyS4

Realizada por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, buscam o estímulo no interesse de consciência pessoal ou em grupo, e cada obra de arte possui um significado particular focada na expressão ao mundo material ou imaterial que o inspira. Aristóteles definiu a arte como uma imitação da realidade, mas Bergson ou Proust a veem como a exacerbação da condição atípica inerente à realidade. Kant considera que a arte é uma manifestação que produz uma “satisfação desinteressada”.

Artesanato é essencialmente o próprio trabalho manual ou produção de um artesão (de artesão + ato). Geralmente o artesanato é associado a produção de caráter familiar, na qual o produtor ou artesão é proprietário de todos os seus meios de produção. Originou-se com a própria história humana, na necessidade em se produzir bens utilitários e decorativos. O artesão é o proprietário de sua oficina e ferramentas e trabalha com a ajuda da família em sua própria moradia, não recorrendo a processos automatizados, isentas de divisão do trabalho ou especialização, cabe a ele próprio todas as etapas de sua produção, partindo do preparo da matéria-prima realiza o acabamento de suas peças muitas vezes decorativas ou utilitárias. Pode assumir um caráter erudito, popular ou folclórico, se valendo de formas e suportes diversificados. A partir do século XIX, esta produção passou a se concentrar em oficinas, onde um pequeno grupo de aprendizes viviam com o mestre-artesão, detentor de todo o conhecimento técnico. Este oferecia, em troca de mão-de-obra barata e fiel, conhecimento, vestimentas e comida. Foram criadas as Corporações de Ofício, organizações que os mestres de cada cidade ou região formavam a fim de defender seus interesses. (FISCHER, 1983).

O aprendizado se dá pela prática nas oficinas ou na vivência do indivíduo com o meio artesanal. Conectado aos recursos naturais, do estilo de vida e do grau de comércio com comunidades vizinhas, é uma manifestação da vida comunitária, o trabalho se orienta no sentido de produzir objetos de uso mais comum em seu lugar, seja em função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa, não se restringindo apenas ao objetivo comercial, pois ele pode ser produzido para consumo próprio ou mesmo doação sem perder suas características. (MARTINS, 1973)

ARTE SACRA E RELIGIOSA

Dependendo dos propósitos, obras de arte, podem ser consideradas sacras ou religiosas. A “arte sacra” é aquela expressão que se destina as imagens ou objetos de culto e sacramentos, ou seja, ordena a fomentar os ritos pelos fiéis e que por isso não só deve conduzir a uma atitude religiosa genérica, mas há de ser apta a desencadear a atitude religiosa exigida pela Liturgia, quer dizer para o culto divino, um fenômeno comunicativo e catequético, que busca celebrar com a comunidade tendo como propósito a expressão de uma verdade que supera o racional, o conhecido e o humano. É uma representação plástica simbólica e teocêntrica na qual suas formas enfatizam a expressão de algo maior, não cabe em si mesma, serve a algo maior. Não é antropológica, lírica ou acadêmica. (VERDON, 2007)

132

Segundo Cláudio Pastro: “a arte sacra é algo feito do ser da Igreja, da profundidade do ser cristão, é uma continuidade da liturgia e da celebração religiosa. Sua função é testemunhar Jesus Cristo de forma educativa.”. A visualização plástica do evangelho e a petrificação dos dogmas. Na imagem de culto, é evocada a postura contemplativa e em culto. (FRADE, 2012)

A imagem de culto dirige-se à transcendência, um conceito filosófico e metafísico que designa o caráter daquilo que algo que está além, enquanto a imagem de devoção surge da imanência, ou seja, tem em si o próprio princípio e fim. A forma, na arte sacra, pode assimilar diretamente as verdades transcendentais.

O homem que cria uma imagem de culto não é um “artista” no nosso sentido. Não cria mas serve à Presença, contempla. A imagem de culto contém algo incondicionado. Está em relação com o dogma, o sacramento, a realidade objetiva da igreja. O artista de imagens de culto” requererá um Ordo, uma ordenação e missão por parte da Igreja. Seu serviço será um mistério. O oposto ocorre com a imagem de devoção. É a vida pessoal cristã com suas reflexões de fé, lutas e buscas internas. Forma parte dos cuidados das almas, produz edificação e consolo.(PASTRO, 1993: p. 112).

É possível concluir que não exista arte estritamente sacra ou religiosa. Uma imagem de culto não quer ser Cristo ou representar Cristo, mas quer representar o mistério, a liturgia, o símbolo. Na arte plástica sacra, está presente o mistério que a imagem indica. A imagem de culto indica que Deus existe, eleva o homem de seu âmbito natural para o sobrenatural. Purifica, renova o homem. Na Sacrosanctum Concilium está escrito que a Igreja católica nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. A Igreja, portanto, mostra não eleger um estilo único, isto é, não privilegia o barroco ou o neoclássico ou o gótico. Todos os estilos são capazes de servir ao rito³.

³ <http://www.cveritatis.com.br/cv/2017/05/05/41-sacrosanctum-concilium-a-arte-sacra-e-seus-estilos/>



*Figura 1: Santana, escultura em madeira policromada, S. data, Maurino Araújo.
Fonte: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br>.*

De forma abrangente a arte religiosa ou de devoção é aquela que reflete as crenças e fé de quem a produz. A virtude da religião tende a produzir no homem uma atitude substancialmente interna, de submissão, adoração, esperança e, sobretudo, de amor a seu Deus. (ELIADE, 1999)

A expressão plástica religiosa deve ter esta mesma finalidade e para que isso ocorra é necessário que o ofício, conservando a característica intrínseca, se subordine ao fim religioso. Sintetiza-se como qualquer obra cujo tema sustente a mensagem moral da religião que pretende ilustrar. Neste contexto, a religião significa qualquer conjunto de crenças humanas relativas ao que eles consideram sagrado, santamente, espiritual. As Imagens de Devoção possuem uma liberdade formal que busca reproduzir o conteúdo espiritual com emoção, alma, realismo e conteúdo humano. Por estilização de símbolos e ícones aproximam-se do sincretismo e iconoclastia.⁴

133

O ARTÍFICE, SUA TRAJETÓRIA, INSPIRAÇÕES E TEMÁTICAS

Negro e de origem humilde, nascido em Rio Casca em 1943, Maurino foi criado em uma família camponesa em Minas Gerais. Mudou-se para o Paraná ainda criança e começou a produzir peças de barro na infância em companhia do avô, que era oleiro. Sua avó o influenciou com o desenho e pintura.

Nos anos 1950, mudou-se para Belo Horizonte e posteriormente ingressou no seminário em São João del-Rei, Minas Gerais onde, em contato com a escultura de Aleijadinho em sua formação escolar, iniciou a prática da escultura em madeira. Como interno, seu talento logo impressionou os padres que consideravam intrigantes suas esculturas. Em 1965 Maurino abandonou a carreira eclesiástica e passou a se dedicar somente à sua arte. O tema religioso aplicado nas esculturas, não foi escolha, mas imposição de seu próprio espírito, a expressão do íntimo e uma necessidade de alma. Ao retornar a capital mineira começou a expor suas esculturas na feira de artesanato da Praça da Liberdade, onde sua obra ganhou a atenção de críticos de arte. De enormes blocos de madeira Maurino fez surgir Santanas, Franciscanos, Cristos e Madonas, esculpidos e encarnados com um processo criado por ele próprio. Utilizou cêra, cola branca, pigmento e até querosene para acentuar o envelhecimento das peças. Das cores preferia as escuras e sombrias. Despreocupado com rótulos e classificações, sua produção cresceu vertiginosamente, o que inclusive gerou incomodo aos críticos, que desqualificaram o grande volume comercializado⁵. (FIG.1)

Realizou exposições individuais a partir de 1972, em Belo Horizonte, Ouro Preto, Rio de Janeiro e São Paulo, e participou de exposições coletivas em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Bruxelas (Bélgica), Lagos (Nigéria) e Nova York (EUA), entre outras. Na Bienal Nacional de São Paulo de 1976, teve uma sala especial dedicada à sua obra. Conquistou o Prêmio Destaque das Artes pelos Diários Associados em 1976 e o Prêmio de Aquisição no IX Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte em 1977. Ainda neste ano, viajou à África e participou do II Festival de Arte Negra da Nigéria. (FIG.2)

⁴<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/07/03/maurino-de-ara%C3%BAjo>

⁵<https://www.youtube.com/watch?v=1wi6YwqDFHQ>



Figura 2: Anjo negro, escultura em madeira policromada de Maurino no II Festival de Arte Negra da Nigéria em 1977, Fonte: AGUILAR, 2000.

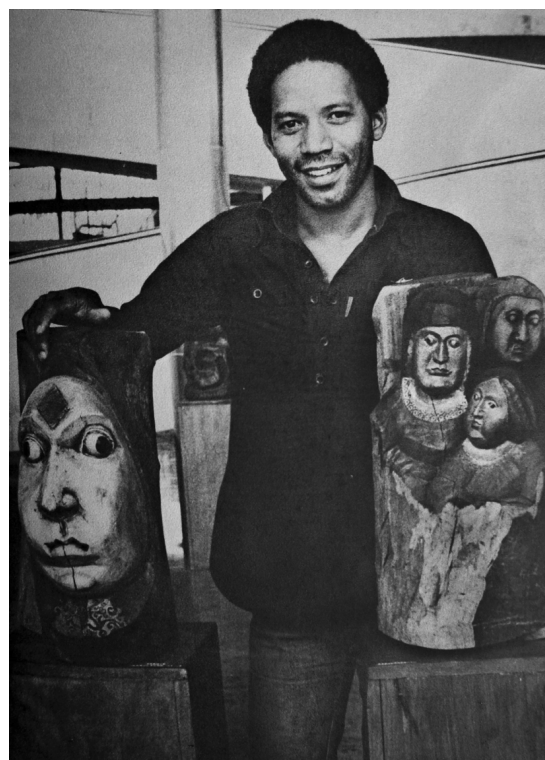


Figura 3: O escultor Maurino de Araújo no IX Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte, Fonte: Catálogo, Museu de Arte. Prefeitura de Belo Horizonte, 1978.

Sobre esta viagem, afirmou: «Eu participo de salões de arte e de exposições aqui no Brasil e no exterior, mas me encontrei mesmo quando conheci a África, no fim dos anos 70. Ali, parece que algo dentro de mim acorda, se rompe e começo a me entender melhor».

O escultor participou da XV Bienal de São Paulo em 1979 e obteve a premiação de Melhor do Ano pelos Diários Associados em 1981. Tem nesta década um bom momento com suas obras presentes em acervos de reconhecidos museus e colecionadores. (AGUILAR, 2000)

No Rio de Janeiro, foi inclusive parceiro do paisagista Burle Marx. Diz Olívio Tavares de Araújo, que o que caracteriza sua obra é: concentração, no sentido químico do termo, e a intensificação de certos estilemas, certos procedimentos formais do barroco, tratados, porém, com uma rusticidade que lhes potencializa o impacto, a dramaticidade, a estranheza. [...] Ao invés de proselitismo faz exorcismo, e sua obra na verdade fornece [...] a atualíssima metáfora de uma humanidade machucada e grotesca.

Em entrevista realizada pelo autor, o artista sem receio aborda sua ausência de formação técnica ou acadêmica, intitulado-se como um artista que se formou de modo solitário e experimental. Absolutamente livre de instituições, escolas e mestres, pesquisou o que mais lhe agradava ou inspirava e produziu de forma abundante suas peças em madeira policromadas. Relatou que em suas raras procuras por aperfeiçoamento profissional, encontrou barreiras que o desestimularam e o fizeram desistir da formação acadêmica regular. (FIG. 3 e 4)

De modo abrangente e heterogêneo, tem representado em seu trabalho a cultura popular, folclórica, carregada de religiosidade e plenamente influenciado pelos ideais estéticos barrocos. Diz não dividir seu trabalho em fases e conscientemente diz que estiliza e cria releituras de ícones religiosos, Maurino declara sua aflição em considerarem seu trabalho sacro: “torno a afirmar que os meus santos não tem nada de santos. O que faço são pessoas velhas, novas, pretas ou brancas. Em vez de buscar um Deus invisível, busco no homem o Deus que ele tem dentro de si. Sempre tive medo que pudessem benzer ou rezar para uma escultura que faço, pois elas representam figuras humanas”.

É necessário ponderar, que seu contato direto com a arte nigeriana, sobretudo a praticada em Ifê, durante 1977 o fez retomar as origens africanas do povo negro brasileiro. Um marco na trajetória do escultor foi quando passou a manifestar em suas temáticas, seres mitológicos e elementos da cultura afro (FIG.5). Quanto ao seu processo criativo, é notável que valoriza sua intuição e autonomia, tanto institucionalmente quanto em métodos, estilo e processos no exercício de seu ofício de esculpir. BAHIA e ARANTES (2009) afirmam: «As figuras não trazem ares de um Barroco tardio mas apresentam severidade e força de um interior ancestral. Na



Figura 4: S. título, escultura em madeira policromada, Maurino Araújo, 2010, Fonte: <http://www.soraiacals.com.br>.



Figura 5: “Multifaces”, escultura em madeira policromada s.data, Maurino Araújo. Fonte: <http://www.casaamarelaleiloes.net.br>.

confluência dos estilos de Ifé e Benin e do barroco mestiço de Minas Gerais, Maurino conseguiu um estilo fundamental e pessoal com a afirmação das tão diferentes origens e a compreensão de que a arte é o grande amortecedor desses choques, encerrando em si o próprio conceito de universalidade».

Mostra-se completamente desconectado a arte contemporânea, dos movimentos artísticos acadêmicos e vanguardistas em geral. Por alguns críticos de arte e admiradores é tachado inadequadamente de “expressionista barroco”, “primitivista”, “naíf” e por vezes mero artesão popular, rótulo que não faz jus ao seu talento, técnica e estilo bastante singulares. (FIG.6)

135

Relatou que não costuma pensar em questão de conservação e restauro, apesar de ter escolhido como suporte a madeira, material firme, nobre e durável segundo ele próprio. É categórico em dizer que não aprecia a interatividade com suas obras quando expostas e não admite que sejam restauradas por outros profissionais.

Utiliza tintas industriais e comerciais, sendo muitas vezes não muito fiel a marcas que seleciona. Maurino até hoje trabalha preferencialmente com o cedro, utilizando-se do formão e da grosa para retirar da madeira pesados blocos esculturais. Notamos em sua obra uma intensa expressão de sofrimento onde o corte rápido e preciso confere um tom dramático.

Diz o artista: “Não nego que o sofrimento estampado na face dos meus santos seja o sofrimento da própria humanidade. Nas classes humildes, as pessoas são mais próximas, sentem e sofrem juntas uma dor que se torna comum”.

Trabalha em seu ateliê doméstico com ferramentas na grande maioria manuais, sendo ele próprio o produtor. Evita os equipamentos elétricos, justificado pelo seu restrito acesso e sua afinidade com os processos mais tradicionais e clássicos. Mencionou que nunca trabalhou com o auxílio de assistentes.

Faz questão de assinar as peças que cria, porém demonstrou não documentar, produzir catálogos ou registros particulares do que vende. Declarou perceber infelizmente uma maior aceitação de suas obras fora de seu estado de origem e no exterior. Suas obras estão no acervo de colecionadores particulares, no acervo de museus como Museu de Arte Popular da CEMIG(BH), Museu Afro Brasil(SP), Museu de Arte de São Paulo - MASP(SP), Museu de Arte da Pampulha - MAP(BH, MG), além de exposições temporárias de Museus como o Guggenheim(EUA), mostras e feiras comerciais; e em galerias de Minas Gerais e vários estados brasileiros como Rio de Janeiro e São Paulo.

Após sair de um período de depressão, recuperou a vontade de produzir.⁶ Em seus recentes trabalhos retoma seu peculiar estilo e resgata sua identidade com nítida essência negra.⁷

⁶ <http://www.50emails.com.br/maurino-araujo-um-dos-grandes-escultores-do-brasil/>

⁷ <http://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2013/04/29/noticia-e-mais,141944/fidelidade-a-arte.shtml>



Figura 6: *Sem título, escultura em madeira policromada, s.data, Maurino Araújo, Acervo Museu AfroBrasil. Fonte: Flickr Artexplorer.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi detectada a importância de critério aprofundado em análises formais e principalmente estilísticas de obras de arte. É possível perceber pelas características da produção de Maurino Araújo, uma mescla de arte e artesanato, onde sua temática e linguagem artística são impregnadas de religiosidade e caráter popular típica de artesãos ao mesmo tempo que possuem personalidade próprias de artista acadêmico.

136

Torna-se relevante a pesquisa voltada a representação religiosa no tempo atual, uma temática pouco aprofundada na literatura. O escultor de estilo singular, suas peculiaridades técnicas, materiais que seleciona e a expressiva religiosidade mineira de seu trabalho inspirado pelo barroco mineiro precisam ser documentados em prol do resgate da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Nelson. **Mostra do Redescobrimento: negro de corpo e alma black in body and soul**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: 2000.

BAHIA, José Aloise, ARANTES Maria do Carmo. **Maurino Araújo: expressionista barroco**. In: Germin: Revista de Literatura e Arte, 2009.

DISSANAYAKE, Ellen. **What is art for?** University of Washington Press, pp.34-39, 1990.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FRADE, Gabriel. **A arte sacra e a liturgia**, Revista de cultura teológica -V.20 - N.80 - out/dez 2012.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MUSEU DE ARTE. PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO, CULTURA E ESPORTES, Catálogo, 1978.

PASTRO, Cláudio. **Arte Sacra: o espaço sagrado hoje**. Itaippecerica da Serra: Casa São Lucas, 1993.

VERDON, Timothy. **L'arte nella vita della Chiesa**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2009.